

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

**ACOMPANHAMENTO DA FARMACOTERAPIA DE MULHERES
CLIMATÉRICAS: ESTUDO DE COORTE¹
FOLLOW-UP ON THE PHARMACOTHERAPY OF CLIMATERIC WOMEN: A
COHORT STUDY**

**Alana Rakoski Zanfra², Karla Renata De Oliveira³, Daiana Meggiolaro
Gewehr⁴**

¹ Pesquisa institucional desenvolvida no Departamento de Ciência da Vida (DCVida), pelo grupo de pesquisa Estudo do Envelhecimento Humano (GERON)

² Acadêmica do Curso de Graduação em Farmácia da UNIJUI, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UNIJUI, alanazanfraa@gmail.com

³ Farmacêutica, docente do DCVida, Integrante do GERON, orientadora da Bolsista de Iniciação Científica, karla@unijui.edu.br

⁴ Farmacêutica, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde da UNIJUI/UNICRUZ, Bolsista

Introdução

As mulheres são a maioria da população brasileira (50,77%) e as principais usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS). O climatério/menopausa é uma fase da vida da mulher, pela qual, a maioria passa sem apresentar queixas ou necessitar de medicamentos. Outras apresentam sintomas de intensidade variável e que são, geralmente, transitórios (BRASIL, 2004).

Entre os sintomas que podem ocorrer no climatério/menopausa, grande parte, é decorrente do desequilíbrio entre os hormônios. Outros estão relacionados ao estado geral da mulher e ao estilo de vida adotado até então (BRASIL, 2004).

Nos últimos anos, têm surgido indagações sobre os sintomas climatéricos e a tendência ao comprometimento da qualidade de vida no climatério. Além do hipoestrogenismo, questiona-se se esses desconfortos, não estariam associados também a fatores psicossociais e culturais relacionados ao processo de envelhecimento ou, então, pela interação desses fatores (DENNERSTEIN; LEHERT; GUTHRIE, 2002). Contudo, mesmo diante de todos os avanços tecnológicos, ainda grande parte da população feminina atinge idades mais avançadas com problemas clínicos e emocionais que prejudicam o seu bem estar (LORENZI; BARACT, 2005).

A utilização dos medicamentos é influenciada pela estrutura demográfica, fatores socioeconômicos, comportamentais e culturais, pelo perfil de morbidade, pelas características do mercado farmacêutico e das políticas governamentais dirigidas ao setor (BERTOLDI *et al.*, 2004). Porém o arsenal terapêutico disponível atualmente pode, por um lado ser empregado de forma equivocada e desenvolver alguma iatrogenia, e por outro servir de objeto de pesquisa para a descoberta de novos fármacos ainda mais seguros e efetivos na terapêutica (PEPE; CASTRO,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

2000).

Dependendo da utilização desvia-se as ações de saúde produzindo ações mais curativas do que preventivas, intensificando a utilização de medicamentos (MELO; RIBEIRO; STORPIRTS, 2006).

Nesse contexto, esse estudo tem como objetivo verificar as alterações na farmacoterapia das mulheres climatéricas em dois momentos distintos.

Metodologia

Trata-se de um estudo de *coorte*, observacional, descritivo e retrospectivo, pertencente a pesquisa institucional intitulada “Estudo do Envelhecimento Feminino” da UNIJUI-RS, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o Parecer nº 294.456/2014.

A população da pesquisa são 362 mulheres climatéricas com idades entre 35 e 65 anos, adstritas as unidades de Estratégias Saúde da Família 1,7,8 e 12 do município de Ijuí/RS. As mulheres participantes do estudo foram avaliadas em dois momentos com intervalo de 1,5 anos, nas duas avaliações foram questionadas sobre os medicamentos em uso.

Foram incluídas nesse estudo as mulheres que faziam uso de pelo menos um medicamento na avaliação ou na reavaliação. As mulheres selecionadas foram divididas em sete grupos no que se refere ao uso de medicamentos.

Para a análise dos dados foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), foi realizada análise descritiva e apresentadas médias, desvio padrão e percentuais. Também foi aplicado teste T pareado para analisar a média de medicamentos em uso nas duas avaliações.

Resultados e discussão

Foram incluídas no estudo 108 (29,83%) mulheres com idade média de 51,64 ($\pm 8,02$) na primeira avaliação e 53,44 ($\pm 8,02$) na segunda avaliação.

Tabela 1: Distribuição das mulheres conforme o número de medicamentos em uso na primeira e na segunda avaliação

Grupo	Número de mulheres	Número medicamentos primeira avaliação	Número medicamentos segunda avaliação
1	20 (18,52%)	0	0
2	8 (7,41%)	0	13
3	14 (12,96%)	29	29

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

4	34 (31,48%)	99	178	
5	17 (15,74%)	115	86	
6	5 (4,62%)	12	0	
7	10 (9,25%)	33	33	
média		2,56 ($\pm 2,70$)	2,89 ($\pm 2,58$)	$p=0,058$

Verificou-se que as mulheres incluídas nos grupos 1 e 3 (Tabela 1) mantiveram a farmacoterapia, o que indica uma certa estabilidade na situação de saúde das participantes do estudo. Pode estar relacionada a participação delas nas atividades da ESF, a compreensão e adesão as orientações fornecidas pelos profissionais da equipe de saúde, a adesão a medidas de prevenção e cuidado com a saúde. Considerando que segundo Castro e Figueiredo (2009) a ESF no contexto familiar visa à realização de ações de prevenção de doenças e promoção de saúde.

Já a redução do uso de medicamentos evidenciada (grupo 5), pode ser atribuída ao fato de alguns dos medicamentos em uso apresentarem efeitos sintomáticos, sendo utilizados por curtos períodos, como relaxantes musculares, anti-inflamatórios não esteroidais e analgésicos. Outro fator que pode ter contribuído para essa redução é a falta de adesão a terapia, ou seja, na primeira entrevista estavam em tratamento e não deram seguimento, o que pode ter sido uma decisão do usuário.

Estudos acerca da adesão à terapêutica têm demonstrado a influência que as crenças e as percepções do indivíduo exercem sobre o uso de medicamentos. É frequente o abandono do tratamento por o considerarem ineficaz ou em função de efeitos secundários desagradáveis (GIACOMINI; MELLA, 2006). Além disso, alguns usuários corrigirem a disfunção a partir de outras medidas que não o uso do medicamento prescrito.

Verificou-se que outra parte das mulheres (Tabela 1) aumentou o número de medicamentos em uso. O que pode estar relacionado ao aumento da idade, já que a partir dos 40 anos é previsível uma maior prevalência com relação ao uso de medicamentos. Nessa fase da vida é esperado o aumento do número de doenças crônicas e consequentemente, a necessidade de terapias medicamentosas (OLIVEIRA, 2012)

Nos grupos 2 e 4, totalizando 42 (38,88%) mulheres (Tabelas 1) verificou-se o aumento ou o início do uso de medicamentos no período do estudo. Sendo que esse aumento se refere aos medicamentos que atuam no sistema cardiovascular, seguidos dos que atuam no sistema nervoso central. O primeiro se deve ao fato de que após a menopausa, o risco da doença coronariana dobra, aproximando progressivamente dos índices verificados nos homens (SOBRAC, 2003)

No que se refere aos medicamentos que atuam no sistema nervoso são necessários, tendo em vista que conforme Cataldo Neto, Gauer e Furtado (2003) os sintomas mais frequentes na menopausa são a ansiedade, depressão, irritabilidade e insônia. Os autores ainda destacam que alta

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

frequência desses sintomas está relacionada às inúmeras alterações que o organismo e a idade lhe atribuem.

No que se refere a terapia de reposição hormonal (TRH) identificou-se um número reduzido de usuárias, na primeira avaliação foram 11 (10,2%) e na segunda avaliação 14 (13%) mulheres. O que permite inferir que essas usuárias iniciaram e no período de 1,5 anos interromperam o uso e ainda que optaram por outras terapias como: atividade física, ioga, acupuntura, fitoestrôgenos, antidepressivos ou medicamentos que tratem os sintomas que mais as incomodam. Destaca-se ainda que a falta de adesão a TRH pode estar relacionada a falta de consenso em relação ao uso de TRH, sendo que para algumas mulheres representa melhora na qualidade de vida e para outras complicações, inclusive fatais.

No entanto, a efetividade terapêutica, bem como os efeitos indesejados da TRH estão relacionados a diferentes aspectos farmacotécnicos. Nesse sentido, a via transdérmica, por exemplo, requer doses menores que a terapia oral, já que sua absorção é alta e o fármaco não sofre inativação hepática (GIACOMINI; MELLA, 2006). Rang; Dale e Ritter, (2001) atribuem os riscos da estrogenoterapia à dose oral utilizada. E a partir disso, as mulheres optam por uma sensação de segurança ao invés da possibilidade de melhora da qualidade de vida proporcionado pela TRH (BARRA *et al.*, 2014).

Considerações finais

Considerando os fatores que podem influenciar no aumento do número de medicamentos em uso apresentados e que o aumento no número de medicamentos em uso não foi significativo, identifica-se esse como um aspecto positivo. Os resultados também indicam que a automedicação não é uma prática entre essas mulheres, o que se constitui em outro aspecto positivo. Por outro lado, esses dados podem indicar baixa adesão a farmacoterapia estabelecida na primeira avaliação, o que muitas vezes está relacionado a falta de conhecimento sobre o medicamento ou sobre a doença.

Diante do exposto e entendendo que seriam necessários maiores subsídios para avaliar o que determinou a manutenção dos medicamentos em uso, bem como a redução do número de medicamentos entre as avaliações, sugere-se o acompanhamento farmacoterapêutico dessas mulheres, o que pode ser realizado pelo farmacêutico a partir dos locais de retirada dos medicamentos: ESF e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Palavras chave: public health; use of medicines; climacteric

Referências

BARRA, A.A. *et al.* Terapias Alternativas no Climatério. Belo Horizonte. **Femina**, v.42, n.1, jan-fev. 2014. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2014/v42n1/a4810.pdf>

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

BERTOLDI, Andréa D et al. Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.228-238, abr. 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília, 2004.

CASTRO, Magda Ribeiro de; FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de. O estado da arte sobre cuidado ao idoso: diagnóstico da produção científica em enfermagem. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 3, p.743-759, 2009.

CATALDO NETO, Alfredo; GAUER, Gabriel José Chittó; FURTADO, Nina Rosa. Psiquiatria para Estudantes de Medicina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 *apud* MENEZES¹, Lourdes Antonia; BORTOLAN, Simone. Menopausa e terapia de reposição hormonal.

DENNERSTEIN, L.; LEHERT, P.; GUTHRIE, J.. The effects of the menopausal transition and biopsychosocial factors on well-being. **Archives Of Women's Mental Health**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.15-22, 1 ago. 2002. Springer Nature

GIACOMINI, D.R; MELLA, E.A.C; Reposição hormonal: vantagens e desvantagens. **Semina: Ciências Biológicas e Saúde**, Londrina, v. 27, n. 1, p.71-92, jan./jun. 2006

LEITE, Silvana Nair; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa. Adesão à terapêutica medicamentosa: elementos para a discussão de conceitos e pressupostos adotados na literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.775-782, 2003.

LORENZI, D.R.S; BARACT, E.C. Climatério e qualidade de vida feminina. **Femina**, v. 33, n.12, p.899-903, 2005.

MELO, D.O.C.; RIBEIRO, E.; STORPIRTS, S. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v 42, P.475 - 485, dez. 2006

OLIVEIRA, R.C; Uso de medicamentos por mulheres com 40 anos ou mais em um município do sul do Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade Estadual de Londrina, P.56, 2012

PEPE, Vera Lúcia Edais; CASTRO, Claudia G. S. Osorio de. A interação entre prescritores, dispensadores e pacientes: informação compartilhada como possível benefício terapêutico. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.815-822, set. 2000.

RANG, H. P.; DALLE, M. M.; RITTER, J. M. Farmacologia aplicada. Hormônios gonadotrópicos. São Paulo: Guanabara Koogan, 2001.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CLIMATÉRIO. Consenso brasileiro multidisciplinar de assistência à mulher climatérica [Internet]. São Paulo (SP), 2003.